

A PALAVRA COMO OFÍCIO



“Pertencço à raça daqueles que percorrem o labirinto/sem jamais perderem o fio de linho da palavra” – escreveu Sophia de Mello Breyner Andresen no poema “Em Creta”. Numa alusão ao tema do labirinto e do Minotauro, acentua-se, nestes versos, o facto de a poesia ser discurso, de a escrita poética permitir registar, por via da extraordinária tenacidade da língua, uma singular disposição do mundo quer interior (o do próprio eu) quer exterior (uma mundaneidade, no sentido etimológico do termo). Em suma, os versos de Sophia podem ser um convite ao aprofundamento de uma reflexão sobre as dádivas da língua.

A palavra como ofício é uma dessas dádivas; tem tido repercussões no desenvolvimento de estudos literários e, desde finais do século XX, no aparecimento de guias práticos sobre escrita, sobretudo de ficção. Mário de Carvalho dá-nos uma boa visão da prática do ofício de um escritor.

*

Há, em todos os escritores, penso, inclinações (e desinclinações) que perduram na memória e acabam por lhes influir na escrita. Recordo-me de em jovem, nos anos cinquenta ou sessenta do século XX, um amigo me ter contado que um crítico então respeitado lhe dissera que “a imagética introduzida por um ‘como’ é muito pobre”. Passei a partir daí a desconfiar dos “comos” e hesito antes de cada um. É, reconheço, um preconceito. Consigo libertar-me dele, sem o tomar à letra, mas obriga-me a parar de cada vez. E isto de termos de parar para reconsiderar, creio eu, nem sempre é má coisa.

Além dos “comos”, perdura também uma enorme desconfiança em relação aos “cujos”, aos possessivos e a certa linguagem de cura de aldeia que não anda longe da prosa bem-comportadinha que foi caricaturada acima, mas rescendendo tanto a renda de bilros quanto o equivalente cidadão cheira a artificialismo de plástico ou a filigrana de montra.

O adjectivo também costuma suscitar antipatias, às vezes com razão, por soar a sobrecarga de efeitos inúteis de aparato florido. Outras vezes, o preconceito contra o adjectivo sofre de contaminação jornalística e reproduz um normativo técnico que não se ajusta à expressão artística. Em pleno século XXI há quem continue a insistir que a linguagem literária e jornalística são a mesma coisa. A separação das águas não diminui a importância do trabalho jornalístico nem lhe retira dignidade.

Os gerúndios, quando não soam a regionalismo ou brasileirismo, aparecem como expediente óbvio para arredondar a frase e evitar a dureza dos “que”, contornando a oração relativa. Mas, em arte, o óbvio costuma vir associado ao malogro. O recurso demasiado insistente a esta solução pode ser designado por um nome curioso: “endorreia” (Rodrigues Lapa).

A velhíssima sabedoria romana de que gostos e cores não se discutem, neste caso, é capaz de fazer sentido. Podemos analisar e decantar um texto até ao pormenor dos pormenores, mas fica sempre um resto - ainda por cima indeterminado - de inefável ou de indizível. Às vezes sabemos identificar o mau gosto, mas não sabemos definir o bom gosto. Com a mutabilidade proteica destas coisas todas, acabamos por cair quase na aposta pascaliana.

Costuma dizer-se que o que se escreve sem esforço se lê sem gosto. É-me grato perceber que um escritor se preparou, trabalhou para mim. Gostamos de avaliar a canseira do escritor mas não gostamos de vê-lo a esforçar-se. Preferimos que, como operário competente, remova as pranchas, arrume a ferramenta e varra o passeio.

Não é preciso uma rara perspicácia, nem conhecimentos altamente especializados, para perceber que a aparente simplicidade de Garrett, Eça de Queirós ou José Cardoso Pires é cuidadosamente (mesmo torturadamente) elaborada.

A superioridade destes textos está em que esse esforço é ocultado com perícia: tudo parece fluir natural e levemente, como os gestos rápidos de um bailarino ou o dedilhar de um pianista que sabemos, no entanto, ter anos de penosa e incessante preparação. Não está - e não deve estar - à mostra, porque a ocultação faz parte da arte. Na Idade Média dizia-se duma obra *olet oleum* (cheira a óleo), quando era evidente a sobrecarga de labor, rescendendo a azeite (ou óleo) de iluminação. A ilusão da espontaneidade é o que fica depois de sofridos (e enterrados) os ossos do ofício.

Mário de Carvalho, *Quem disser o contrário é porque tem razão - Letras sem tretas*, Porto: Porto Editora, 2018, pp. 238-240

5 de maio de 2021